

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

A brasilidade Marioandradina.

Sirlei Silveira.

Cita:

Sirlei Silveira (2009). *A brasilidade Marioandradina*. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/1234>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/evbW/V3x>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

A brasilidade Marioandradina

Sirlei Silveira

Profª Drª do Departamento de Sociologia e Ciência Política

/ICHS/Universidade Federal de Mato Grosso-Brasil

sa-silveira@uol.com.br

As idéias de Mário de Andrade, autor de extensa obra distribuída entre poesia, ficção, ensaio, crítica literária, estudos musicais e folclóricos, expressam os antagonismos inerentes ao Movimento Modernista no Brasil. Na multiplicidade de seus trabalhos dois pontos tensos e contraditórios se evidenciam: “[...] o sentido do compromisso, marcador da modernidade dos seus primeiros trabalhos; e a ligação com a produção literária popular, fator básico de conhecimento do povo brasileiro, tendo em vista a necessidade de independência artística, social e econômica do país” (ANCONA, 1972, p. 11).

Como ícone da Semana de Arte Moderna de 1922, Mário de Andrade filia-se, inicialmente, ao *primeiro tempo modernista*, caracterizado por Eduardo Jardim (1983) como um período de absorção de linguagens novas, especialmente das vanguardas européias do início do século, em oposição ao academicismo diletante de grande parte da inteligência brasileira. Contrários às estruturas sociais vigentes, os modernistas enfatizam a necessidade de imprimir no movimento cultural brasileiro um espírito renovador, a partir de uma estética inovadora no campo artístico e literário. *Paulicéia Desvairada* pode ser lida como a expressão marioandradina desse tempo, consiste na obra mais

representativa da atuação do autor em direção a assimilação do pensamento ocidental. As preocupações do artista se voltam para aquilo que Antônio Cândido (1985) chamou de "desrecalque localista", pois visavam atingir o estágio de desenvolvimento da modernidade européia e norte-americana.

Por volta de 1924, o Movimento Modernista, embora resguardando a sua tese central - a da existência de uma ordem universal centrada na modernidade - apresenta novas formulações acerca da participação do Brasil no cenário internacional. O principal desafio reside na construção da brasilidade, nossa porção no concerto mundial das nações. Em 1925, Mário de Andrade comunicava a Prudente de Moraes que não era mais modernista, e sim moderno, sendo esta a maior conquista dele mesmo. Esta confissão, que dá margem para muitas interpretações sobre a personalidade do autor, é entendida aqui como o seu comprometimento, e de vários outros modernistas, com a produção de uma explicação do Brasil, voltada à efetivação da sociedade nacional.

As discontinuidades históricas do país, somadas às suas diferenças e contradições internas, muda o foco das preocupações modernistas, pós "Semana de 1922", considerada pelo próprio Mário de Andrade como o *símbolo principal do brado coletivo* contra o espírito conservador e conformista. Segundo esse artista, a realidade de então exigia novas responsabilidades dos modernistas, portanto, opta pelo reconhecimento do país, de suas particularidades e tradições expressas nas práticas materiais e espirituais produzidas pelo conjunto da sociedade brasileira, com o propósito de definir a parte indispensável à formação da consciência nacional. Nesse sentido, interpelava Drummond:

[...] Carlos, devote-se ao Brasil, junto comigo. Apesar de todo o ceticismo, apesar de todo o pessimismo e apesar de todo o século 19, seja ingênuo, seja bobo, mas acredite que um sacrifício é lindo. [...] Veja os moços modernos da Alemanha, da Inglaterra, da França, dos Estados Unidos, de toda a parte: eles crêem, Carlos, e talvez sem que o façam conscientemente, se sacrificam. Nós temos que dar ao Brasil o que ele ainda não tem e que por isso até não viveu, nós temos que dar uma alma ao Brasil e para isso todo sacrifício é grandioso, é sublime [...] (ANDRADE, 1988, p. 22-23).

Na visão marioandradina, o artista deveria sair da esfera do absoluto, mesclar-se com o realismo social, acasalar-se com a política e com os estudos sociológicos – devotar-se ao Brasil, abraçá-lo. Preocupado em materializar suas idéias, insistia com Drummond,

De que maneira nós podemos concorrer pra grandeza da humanidade? É sendo franceses ou alemães? Não, porque isso já está na civilização. O nosso contingente tem de ser brasileiro. O dia em que nós formos brasileiros e só brasileiros a humanidade estará rica de mais uma raça, a combinação de qualidades humanas. As raças são acordes musicais. [...] Nós só seremos civilizados o dia em que criarmos o ideal, a orientação brasileira. Então passaremos da fase do mimetismo pra fase da criação. E então seremos universais, porque nacionais (ANDRADE, 1988, p. 30-31).

O Brasil não se conhecia, continuava prisioneiro da herança colonial e do cosmopolitismo que o impedia de se ver e pensar-se a partir da sua própria realidade. Daí a dificuldade do país em constituir-se enquanto nação, dotado de povo e identidade próprios. Para Mário de Andrade, o brasileiro com *síntese nacional* ainda não existia; em sendo assim, o país condenava-se a não ter caráter.

No debate sobre a construção da brasilidade - síntese da alma do país - dois problemas manifestam-se no âmbito da realidade concreta: a extensão e a diversidade geográfica do território nacional; e a multiplicidade étnica e social da população do país. Essas questões que desafiaram pensadores do Brasil em outros tempos ganham destaque, também, na obra marioandradina, como em *Dois Poemas Acreanos*, escrito entre os anos de 1925-27, no qual a questão da identidade nacional reaparece com muita força diante da diversidade e das desigualdades regionais.

Em sua criação poética explodem os antagonismos existentes na história do país. Para o autor, o Brasil não passava de "uma nação com normas sociais, elementos raciais e limites geográficos" (ANDRADE, 1972, p. 16). Faltava-lhe *alma*, como enfatizou na carta a Drummond. A constituição da civilização brasileira dependia dos elementos que interligassem não apenas o vasto corpo geográfico do país, mas, especialmente, a sua multiplicidade étnica e social, marcadamente desigual no plano econômico e político.

Cabe ressaltar que no *segundo tempo modernista* (1924-1928), Mário de Andrade aproximara-se de alguns pensadores alemães de tradição romântica, dentre eles Herder e Spengler. Sua

preocupação com a definição da *alma brasileira* encontrara reforço em *A Decadência do Ocidente*, publicada após a Primeira Guerra Mundial; nela o autor afirma:

A raça é a expressão da vida e da alma, projetada sobre os sentidos dos homens; é a expressão de algo metafísico, a comunicar-se aos sentidos, ou de modo psíquico ou de modo algum. [...] Ter raça não é uma particularidade material, mas algo cósmico, uma direção, a sensação da concordância do destino, a marcha pela história, com igual rumo e no mesmo ritmo (SPENGLER, 1982, p. 289-290).

Se se levar em consideração a idéia de *raça* de Spengler, poder-se-á encontrar parte da fundamentação das discussões de Mário quanto à diversidade interna do Brasil, de sua preocupação em acertar o relógio nacional, sincronizando tempos e regiões. Além disso, ajuda-nos a entender a sua preocupação em descobrir o elo entre o paulista letrado que era e o seringueiro desprovido das coisas que dão conforto e alegria, nesse caso, as realizações materiais e simbólicas da civilização.

Identificar os elementos fundantes da essência nacional, o *ser brasileiro*, tornara-se um imperativo diante da necessidade do país em entrar em sintonia com o processo civilizatório - ingressar na história universal. A construção da *raça brasileira* exigia a redescoberta das várias realidades coexistentes no país, bem como a sua difusão pelo seu vasto e complexo território. Era preciso "*contar todas as histórias de Minas aos Brasileiros do Brasil*".¹ Para essa empreitada Mário convoca outros companheiros modernistas, dentre eles Sérgio Milliet que se encontrava em Paris. Conclama-o a sentir e realizar o Brasil, "[...] Vem prá cá trabalhar, ter destino, ser brasileiro. [...] Nós temos o problema atual, nacional, moralizante, humano de abasileirar o Brasil" (ANDRADE, 1985, p. 301).

Abrasileirar o Brasil, esse é o "*sacrifício*"² que se impõe aos intelectuais compromissados com o processo de descolonização e construção da parte nacional que concorreria ao concerto universal dos povos. Para isso era necessário investir num amplo projeto de redescoberta da diversidade física e social do país. Era preciso um tempo destinado à pesquisa das coisas da Terra Roxa e outras terras, a fim de revelar os elementos capazes de fundar um sentimento de homogeneidade social, soldar diferenças e desigualdades expressas nos aspectos material e político da sociedade. Era preciso descobrir a essência do ser nacional, as bases de sustentação de um novo universal - o

¹ Cf. Mário de Andrade, Noturno de Belo Horizonte. In: *Poesias Completas*, passim.

² Sobre a noção de sacrifício em Mário de Andrade ver, especialmente, Sandroni (1988).

brasileiro. Era preciso "sentir e viver o Brasil não só na sua realidade física, mas na sua emotividade histórica" (ANDRADE, 1983, p. 18).

A partir das preocupações acima, outra questão se interpõe às indagações mariandradinas: qual a essência do ser brasileiro? No debate sobre a brasilidade, a definição da *cultura brasileira* ganha destaque como elemento essencial do *ser nacional*, da *raça brasileira*. Para Mário e seus filiados modernistas a fonte de coesão e identificação nacional residia no elemento cultural, compreendido em suas manifestações materiais e simbólicas. A cultura se transforma naquilo que Mário nomeou de *alma do Brasil*. Nela residia a essência do saber *ser*, livre da imitação recorrente no país.

Por meio dos estudos "etnográficos", Mário procura os elementos emblemáticos da *cultura brasileira* enquanto expressão da unidade nacional. Suas formulações se dão a partir de duas questões básicas: a relação entre a parte Brasil com o exterior, principalmente com a Europa; e a relação entre as partes internas do país, ou seja, a vinculação entre o regional e o nacional.

Na primeira questão tem-se o reaparecimento da dialética do particular *versus* universal. Para Mário, o Brasil só se firmaria como Nação por meio de sua singularidade cultural. Somente uma produção cultural alicerçada nos "valores da terra" asseguraria a inserção do país na modernidade, no concerto das nações cultas, conforme denota-se de suas palavras a Inojosa:

Veja bem: brasileiramento do brasileiro não quer dizer regionalismo nem mesmo nacionalismo. O Brasil pros brasileiros não é isso, significa só que o Brasil, prá ser civilizado artisticamente, entrar no concerto das nações que hoje em dia dirigem a civilização da terra, tem que concorrer pra esse concerto com sua parte pessoal, como que o singulariza e individualiza, parte essa única que poderá enriquecer e alargar a civilização (ANDRADE, apud JARDIM, 1978, p. 341).

No tocante à dimensão do nacional *versus* regional no país, Mário tem consciência não só da diversidade social, mas também dos antagonismos que povoam a arena política e econômica em âmbito interno. Posiciona-se, assim, contra tais desigualdades e a discriminação entre os estados da federação, como exemplifica a polêmica com Milliet:

Que historiada é essa, Sérgio, [...] de falar na sua crônica [...] que 'só é brasileiro sendo paulista!' Protesto [...] eu verifico que vou perdendo cada vez mais e completamente a noção dos limites estaduais [...] Eu não nego

um valor enorme sobretudo no passado dos meus coestaduanos, porém carece tomar cuidado com os símbolos e com os sentimentos perniciosos. [...] O Brasil é um vasto hospital. Amarelão de regionalismo e bairrismo histórico. Visão de míope sem futuro e sem presente. Cuidado com o saudosismo! É sintoma de decadência Sérgio, você errou, Sérgio! (ANDRADE, In: LARA, 1977, p. 4).

As palavras acima expressam parte das contradições que alimentavam o debate acerca da construção da nação brasileira. As divergências se manifestam até mesmo entre os modernistas filiados ao mesmo grupo, como é o caso de Mário e Milliet. Por volta de 1926, o que interessa a Mário de Andrade é o esforço conjugado na interpretação da realidade brasileira em suas múltiplas diferenças, na perspectiva da edificação da unidade nacional. Para tanto seria preciso abandonar a mentalidade bairrista e regionalista. O Brasil deveria ser compreendido em sua totalidade física e social, para manter-se coeso em sua pluralidade. Mas, onde residia a totalidade nacional no projeto marioandradino?

A questão da brasilidade, a partir da segunda metade de 1920, transforma-se no tema central da obra marioandradina. Segundo Eduardo Jardim (1983), esse é o período em que Mário amadurece a idéia de elaboração de um "retrato do Brasil", a partir dos pressupostos da teoria analítica, em oposição às interpretações do país baseadas na via intuitiva, representada principalmente por Oswald de Andrade em sua poesia *Pau-Brasil*.

A partir dessa época Mário de Andrade praticamente abdica da condição de poeta modernista em prol dos ensaios e de outras atividades, com destaque para as **viagens de estudos** pelo interior do Brasil, como aquela que fez à Minas Gerais, em 1924, e daquelas realizadas à Amazônia e ao Nordeste, em 1927 e 1928, respectivamente. Nesse percurso Mário tornou-se um incansável etnólogo, revelando ao país e ao exterior as várias faces do Brasil para, posteriormente, eleger aquela que se tornaria a imagem-síntese da nacionalidade brasileira.

Mário, ao mergulhar no levantamento das fontes constitutivas da brasilidade, naquilo que ele mesmo nomeou de "estudos etnográficos", deparava-se concretamente com o dilema da diversidade regional em seus aspectos sócio-culturais, ameaçando a integridade do projeto de edificação nacional. As contradições da sociedade brasileira, nas dimensões físicas, econômicas, políticas, e principalmente, étnicas, acarretam hesitações nas formulações marioandradinas quanto à escolha do elemento que se consagraria como traço basilar do caráter nacional brasileiro.

Diante dos diferentes e diferenças estava difícil eleger o elemento-síntese da *identidade nacional*, condição indispensável à afirmação do Brasil no cenário internacional como realidade histórica autônoma e soberana. Inovação e contemporização são dois pólos antagônicos dessa busca da totalidade nacional em Mário de Andrade. A descolonização do Brasil exigia a incursão no próprio passado do país, a fim de reconhecer-se, se ver mais profundamente para, então, arrancar da nossa tradição os traços indispensáveis à inovação do presente.

Diante da dificuldade de construção da brasilidade, alicerçada na realidade social e histórica, Mário transfere para o plano do simbólico as bases constitutivas da *raça brasileira*. A unidade nacional seria definida a partir da análise da realidade cultural.³ Nesse caso, a cultura enquanto expressão do modo de vida cultivado pelo conjunto da população, incluindo a sua elaboração mental, é vista como instrumento de unificação de interesses diversos. "A garantia da unidade nacional situa-se na existência de uma unidade de caráter cultural" (JARDIM, 1983, p.106).

Cabe destacar que Mário de Andrade não pensou a cultura apenas na perspectiva da formulação de um modo de compreensão da realidade brasileira, e sim como um elemento importante na transformação das relações sociais vigentes. Para Mário, a cultura era um meio de ação e não apenas uma visão de mundo. Reside aí uma das explicações para o fato dele ter passado da condição de artista para a condição de etnólogo e, posteriormente, formulador e dirigente de políticas culturais no âmbito do Estado nos anos de 1930 e 1940.

Se Mário de Andrade não pensou a cultura brasileira em abstrato, requer, portanto, apresentar o *locus* de suas formulações sobre a unidade cultural e nacional. Reconhecendo a totalidade nacional em sua heterogeneidade étnica, social, econômica e política, o modernista fundamenta a idéia de identidade nacional e cultural nas manifestações folclóricas. No folclore residiam as fontes da nacionalidade, como sentimento e manifestação da unidade do povo brasileiro. O folclore, em suas variações, é o elemento definidor do patrimônio cultural da *nação*, do enraizamento da *cultura brasileira*.⁴

Macunaíma é, segundo alguns críticos, a expressão melhor acabada da brasilidade marioandradina, elaborada a partir de seus estudos etnográficos.⁵ Trata-se de um livro revelador do Brasil, reflete a heterogeneidade e as contradições da realidade brasileira. Nele está presente a polêmica em torno do erudito *versus* popular, moderno-arcaico, norte-sul, regional-nacional-

³ Cf. Alfredo Bosi (1992); Carlos Guilherme Motta (1980); Renato Ortiz (1985).

⁴ Telê Ancona, em *Ramais e Caminho*, discute o lugar que os estudos folclóricos ocuparam nas formulações de Mário de Andrade sobre o Brasil e os brasileiros.

⁵ Cf. Gilda Mello e Souza (1979); Telê Ancona (1978).

internacional, catolicismo *versus* religiosidade, sagrado-profano, povo-elite. No limite, *Macunaíma* é uma sátira à maneira etnocêntrica de como as diferenças e as desigualdades eram interpretadas pela intelectualidade que pensava o país e a sua gente. Por certo, Mário haveria de concordar com Bastide (1946), quando na voz de Gargantua grita a Macunaíma: “És bem brasileiro; tens lábios de africano, olhos de índio, nariz de português, o lado direito de italiano, o ombro esquerdo de alemão, a ponta do pé de espanhol, o joelho de cristão novo”(p.85).

A raça brasileira, pensada por Mário de Andrade nos anos de 1920, constituía-se na essência do diverso - *no herói sem nenhum caráter*. *A nação*, como espaço da homogeneidade, mantinha no plano do devir.

Bibliografia

- ANCONA LOPES, Telê Porto. *Mário de Andrade: ramais e caminho*. São Paulo: Duas Cidades, 1972.
- ANDRADE, MÁRIO. *A Lição Do Amigo: Cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade, (1924/1945)*. Apresentação de Carlos Drummond de Andrade, 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 1988.
- _____. *Poesias Completas*. Edição Crítica de Diléia Zanotto Manfio, Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1987.
- _____. *Cartas de Mário de Andrade a Sérgio Milliet (1923/1940)*. In: *Mário de Andrade por ele mesmo*. São Paulo, HUCITEC, 1985.
- _____. *Entrevistas e Depoimentos*. (Org.). Telê Porto Ancona Lopes. São Paulo: T. A, Queiroz, 1983.
- _____. *Apresentação e Introdução à Edição Crítica de Macunaíma*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos Científicos; São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978.
- _____. *Mário de Andrade: Cartas a Manuel Bandeira, (1922-35)*. Prefácio e notas de Manuel Bandeira. São Paulo: Tecnoprint-Gráfica, 1967.
- BASTIDE, Roger. *Macunaíma em Paris*. In: *O Estado de S. Paulo*, 3 de fev./1946.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. 7 ed. São Paulo: Nacional, 1985.
- JARDIM, Eduardo Moraes. *A Brasilidade Modernista: sua dimensão filosófica*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- _____. *A Idéia de Modernidade no Modernismo Brasileiro*. Tese de Doutorado defendida no IFCS/UFRJ, 1983.
- LARA, Cecília de. *Terra Roxa... E Outras Terras, Um Periódico Pau Brasil (Introdução das Reproduções fac-similares do periódico Terra Roxa e outras terras, Ano I, nº 1-7, 1926)*. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977.
- MOTA, Carlos Guilherme. *A Ideologia da Cultura Brasileira (1933- 1974)*. 4 ed. São Paulo: Ática, 1980.
- ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira & Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- SANDRONI, Carlos. *Mário contra Macunaíma*. São Paulo: Vértice; Rio de Janeiro: IUPERJ, 1988.
- SILVEIRA, SIRLEI. *O Brasil de Mário de Andrade*. Campo Grande-MS: Editora da UFMS, 1999.
- SOUZA, Gilda de Mello e. *O Tupi e o Alaúde*. São Paulo: Duas Cidades, 1979.
- SPENGLER, Oswald. *A Decadência do Ocidente*. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.